



Echos, Echoes, Ecos, Echi n° 8

Dezembro de 2024

SUMÁRIO

- A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA: ECOS, TESTEMUNHOS

- Carolina Zaffore: primeira vez no CIG.
- Dominique Touchon Fingermann: Estamos satisfeitos ?
- Didier Castanet: O trabalho, a escola, o entusiasmo
- Martine Menès: Eu falaria da brecha
- Glaucia Nagem: O engajamento de cada um e a orientação
- Teresa Trias: Língua, voz, mal entendidos, sorrisos
- Radu Turcanu: *O um-princípio* e o cartel do passe
- Armando Coté: Viver para contar
- Anne Marie Combres: Do plural das línguas ao coro ?
- Pedro Pablo Arévalo: A Escola do passe, do CIG
- Anastasia Tzavidopoulou: “Passe fictício para formação inacabada” ?
- Ana Laura Prates: Estrangeiro
- Alejandro Rostagnotto: Designar-nomear
- Rebeca Garcia: Entre inspiração e experiência

- O COLÉGIO INTERNACIONAL DA GARANTIA

- O Passe
- Wunsch 25
- O plurilinguismo da IF

- O COLÉGIO DE ANIMAÇÃO E ORIENTAÇÃO DA ESCOLA

- Os cartéis do CAO E
- A meia-jornada de 14 setembro de 2024
- Folhas Avulsas N°5
- Folhas Avulsas N°6

• A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA: ECOS, TESTEMUNHOS

A missão e o trabalho do CIG 2023-2024 termina e passa para outros a responsabilidade de sustentar a EPFCL em seu projeto de assegurar a extensão/intensão da psicanálise.

Temos o prazer de lhes apresentar esses que estão engajados e foram eleitos por todos os membros da Escola para os próximos dois anos 2025-2026 :

Rosa Guitart, Lidia Hualde, Dimitra Kolonia, Phillipe Madet, Silvia Rodriguez, Christelle Suc, Daphné Tamarin, Patricia Zarowsky, (pela EPFCL-França et Fóruns anexados); Adriana Grosman, Ida Freitas (EPFCL-Brasil); Dyhalma Ávila (América Latina Norte); Gabriel Lombardi, Gabriela Zorzutti (EPFCL-Argentina); Antonia María Cabrera, Montserrat Pallejà, Amparo Ortega (EPFCL-Espanha)

Para essa última **ECHOS N°8** Escolhemos lhes transmitir um pequeno testemunho da participação de cada um de nós sobre a experiência do Colégio Internacional da Garantia.
Boa leitura ! E os melhores votos a todos para este novo ano !

ooo

Carolina Zaffore (Arg): Primeira vez no CIG.

Secretária pela América Latina CIG 2022-2024

Buscarei algum eco na variável temporal que recortei destes anos atravessados por vários fusos horários, típico do carácter internacional, inseparável da função de garantia que diz respeito à CIG. A dimensão cronológica marcou uma estrita regularidade de reuniões, a pressa razoável na entrega de textos, traduções em um diálogo interlinguístico e datas limites respeitadas com rigor. Sem dúvida, para além do que impõe o protocolo, sublinharei alguns aspectos que não estavam dados de antemão e que precisaram ser contemplados.

Por um lado, algo que encontramos entre todos foi o tempo entre as elaborações ao redor do Passe, a produção de textos de naturezas bem diversas e o trabalho administrativo. Não me refiro apenas a fixar um certo tempo para cada coisa, mas a como cada CIG deve conseguir sincronizar assuntos tão distintos em função de um trabalho efetivo que contemple tanto o ritmo institucional como o ritmo epistêmico. Creio que o conseguimos por momentos, por momentos nem tanto...

Da mesma forma, enfatizo a importância de localizar o que necessariamente se perde em um trabalho coletivo. Vale se fazer a pergunta: qual tratamento dar a essa dimensão de perda? Talvez essa elaboração virá com o tempo de cada um, já fora da função no CIG, porém algo disso seguramente poderemos transmitir em nossa reunião de passagem àqueles que assumirão a tarefa. Eu também destaco a variável temporal em sua dimensão mais real que me parece ter emergido nos julgamentos expressos por cada um nos Cartéis do Passe. Argumentação e debates foram compartilhados, no entanto também havia esse momento decisivo que diz respeito a uma só pessoa e que é determinante para a conclusão de cada Passe e para uma genuína elaboração de cartel.

Por fim, uma palavra de agradecimento ao Dominique, grande companheira na Secretaria, bem como a todos os colegas com quem pudemos conviver muito bem no trabalho e também na perda inesperada de Ricardo, marca indelével deste CIG que o recorda e o abraça no momento de concluir...

Revisão Beatriz Chnaiderman

ooo

Dominique Touchon Fingermann (Fr): Estamos satisfeitos ?

Secretária pela Europa CIG 2022-2024

Estamos satisfeitos com estes dois anos de experiência e trabalho “pela Escola”: sua animação, sua orientação, pela psicanálise: a sua “garantia”? Que trabalho! Intenso, múltiplo, excessivo? O que podemos dizer sobre isso?

Deixo o papel de secretária do CIG, numa função de representação: representar o CIG nas nossas mensagens, jornadas, textos, chamadas, convites, mas também representar “a Escola” sua orientação, suas estruturas nas nossas reuniões do CIG, nossos debates, nossas polêmicas

Vou falar por mim: que satisfação, arrependimentos, preocupações?

Em primeiro lugar, devo admitir que este trabalho me fascinou! Adoro canteiros de obras. Fazer escola é um canteiro de obras, desde o início, sempre e em todo o lado. Satisfeita, portanto, por ter visto uma Escola de psicanálise em andamento, em movimento, num “turbilhão”.

As nossas reuniões mensais com estes 17 estrangeiros da CIG fizeram escola: apontamentos onde pudemos medir as nossas distâncias, não só linguísticas, depois pouco a pouco o exercício da escuta curiosa permitiu encontrar um entendimento: uma comunidade ética preocupada com o que a orientava: o que é um psicanalista? Foi a partir desta comunidade em mosaico que os cartéis se encontravam, a cada volta, para acolher os passes e os passadores.

Os encontros com eles na maioria das vezes nos encantavam, quando nos permitiam o acesso a uma psicanálise aplicada, fora do senso comum. Os passadores traziam consigo notícias de uma psicanálise sem fronteiras: ufa! aposta ganha, a nossa escola fazia, portanto, escola! Às vezes, porém, seus afetos ou afetações encobriam o que poderia ter sido escutado como passagens de uma análise para o analista. Voltávamos então a fazer a pergunta: o que é um passador? o que faz um analista designar esse analisando “no passe”? Preocupados, fizemos a pergunta aos AMEs, sem muita resposta.

AMEs, passadores, passantes, cartéis, secretariados, estão bem engajados para que esse movimento em torno do passe e seu dispositivo orienta nossa Escola e sua disposição para a psicanálise

A satisfação de participar desse engajamento apaixonante é, no fim das contas, moderada por um certo espanto, para não dizer uma certa preocupação: por que tão poucas nomeações de Analista de Escola? Excessiva imprudência por parte de alguns, demasiada cautela por parte de outros? A História continua...

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Beatriz Chnaiderman

ooo

Didier Castanet (Fr): O trabalho, a escola, o entusiasmo

Por que não resumir?

Para mim é como se alguma coisa estivesse germinando em minha relação com trabalho e com a Escola. Para retomar a metáfora fotográfica, alguma coisa foi então « revelada » (portanto, já presente e esperando).

Se a análise me ensinou que podemos trabalhar com prazer e sem dor, esta experiência do CIG confirmou.

A dimensão internacional, para além de uma ideia, foi aqui, concretamente, uma abertura. Mesmo se nós não falávamos a mesma língua, eu não me senti estrangeiro, e eu não senti meus colegas como estrangeiros, especialmente nos Cartéis do Passe. Uma língua não teve a supremacia sobre a outra. Estávamos todos como iguais, todos membros da Escola.

Para mim isso foi também uma experiência humana excepcional no encontro com os colegas. Encontro sempre em laço com o trabalho e com a Escola.

E para movimentar tudo isso, para conduzir o comboio, tivemos duas “locomotivas” de uma grande eficácia.

É uma experiência que para mim termina ... por enquanto!

*Tradução Gláucia Nagem de Souza
Revisão Beatriz Chnaiderman*

ooo

Martine Menès (Fr): Eu falaria da brecha

Eu falaria da brecha.

Se fosse possível.

“O AE aquele que imputamos de estar (...) sobre a brecha” para resolver problemas cruciais para a análise, escreveu Lacan na Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola;

Minha participação no CIG me colocou sobre uma brecha? Isso seria necessário para reconhecer sem sombra de dúvida os que ali estavam, ou não? Passe interminável?

Sobre a brecha: eu me imaginava instalada, não necessariamente confortável, atrás de uma fenda para aí ver passar a luz, às vezes.

E eis que aprendo pelo Google, que sabe tudo sem pensar que estar sobre a brecha significa estar prestes a atacar. É preciso então estar suficientemente armado para resolver os problemas cruciais.

É com esse tipo de perplexidade que entro no que se tornará – não tão rápido – “meu” CIG. Eu olho, eu escuto, eu não entendo sempre as línguas estrangeiras. Mas o espanhol se torna mais familiar, o português mais expressivo. Há as impaciências de um, as impertinências de outro, as urgências para dizer, os esforços para escutar sem prejudicar, os achados de cada um, as presenças, e muito rápido o prazer de se reencontrar, as afinidades eletivas, as surpresas, o riso, e pensar o passe, sempre. A seriedade do trabalho de pesquisa, de reflexão, é compartilhada. O inesperado vem fraturar a experiência. O sorriso de gato, que me lembra sempre aquele do gato de Alice no país das maravilhas, o sorriso infantil, que ilumina o inesperado no rosto atento de Ricardo, se esvai. Este CIG chora.

Resta uma solidariedade calorosa e trabalhadora.

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Beatriz Chnaiderman

ooo

Gláucia Nagem (Br): O compromisso de cada um e a orientação

Em minha experiência neste CIG, além de participar de cartéis do passe, as duas funções que exerci foram a de estar na equipe responsável pelas traduções e na CAI. Na primeira o trabalho é de manter vivo o plurilinguismo da nossa Escola. Como nos diz Lacan, no seminário 24, uma língua só pode ser dita por outra língua, assim, ser plurilíngue mantém essa afirmação ativa. No CAI tivemos a tarefa de designar os novos AMEs de nossa Escola. Esse trabalho depende diretamente dos DELs de garantia no cuidado com as indicações que chegam dos membros de Escola e dos AMEs. Formulamos algumas recomendações que retiramos do documento do primeiro CIG e da experiência extraída dos documentos que nos orientam. Isso para colaborar tanto com os colegas que indicam quanto com os DELs de garantia em sua tarefa. Levo da experiência do trabalho com este CIG o entendimento de que nossa Escola depende diretamente que seus membros estejam sempre atentos aos princípios que nos orientam, pois a ação de cada um reverbera no trabalho local chegando ao trabalho internacional. Não há ação isolada em uma Escola de Psicanálise.

ooo

Radu Turcanu (Fr): O *um-princípio* e o cartel do passe

O dispositivo do passe está bem posicionado. Basta reler os textos, discuti-los o tempo que for necessário e a máquina começa a funcionar. Uma máquina caprichosa à primeira vista, mas com uma eficiência que surpreende até os cétricos, dos quais fui um no início.

Estou grato aos colegas desta CIG pelo fato de, nas nossas trocas-debates, uma “em razão de” acabar muitas vezes por vencer. Mas também lhes agradeço por terem polvilhado o nosso trabalho com um misto de (in)tranquilidade, delicadeza, combatividade, humor e até suspense.

O que talvez mais me tocou nesta experiência foi que o momento das conclusões e das decisões era por vezes precedido por uma forma de suspensão, quando a máquina parecia travar. Isso nos colocou num tipo de trabalho diferente, onde já não se tratava de seguir os poucos princípios estatutários e regulamentares, ou de bom senso, mas sim de pôr a mão na massa. Daí o *um-princípio* do título, inspirado no *un-bewusst* e no *une-bévue*.

Darei um exemplo único e recorrente. Trata-se do encontro com os passadores nos cartéis do passe. Uma questão continuou a surgir: os princípios da sua designação deveriam ser refinados? Torná-los mais robustos diante das bizarrices encontradas? E quanto à responsabilidade dos membros democraticamente eleitos da CIG?

Com o tempo, tornou-se óbvio para mim que foi precisamente onde apontamos uma certa imprecisão nos princípios que tivemos que inventar um método de “lidar com” a surpresa, sempre má como a conhecemos. Deixar de lado a segurança e a relevância para buscar retirar o/a passador/a de sua base subjetiva, que tanto

queremos evitar, o que também teve efeitos dissuasores por parte dos AMEs no que diz respeito à designação de passadores.

No final digo para mim mesmo: “essa loucura ainda funciona”. Não simplesmente graças aos princípios, que são necessários, ou a uma política de Escola que deve ter sempre o cuidado de não interferir no dispositivo do passe, se aprendemos algo do passado. Funciona especialmente quando colocamos alegremente pra jogo, fazendo-o mesmo correr para a queda, o livro do nosso conhecimento garantido.

Tradução Gláucia Nagem de Souza
Revisão Beatriz Chnaiderman

ooo

Teresa Trias (Esp): Línguas, voz, mal entendidos, sorrisos

Novas vozes, antigos nomes... a novidade no CIG me despertou entusiasmo não sem certo respeito pelo que podia advir por minha ignorância. Ignorância? Sim, pois, apesar de saber de algumas das responsabilidades, o que se foi desenrolando superou minhas expectativas. Diversas comissões, diversos textos, diversas línguas. Em algumas ocasiões, a dificuldade de compreensão produz mal-entendidos não sem comicidade e de sorriso.

O brasileiro, que pensava que entendia algo, o entendia ao contrário. Dificuldades que se solucionavam pelo contexto do que se dizia, ainda que não sempre. E fica algo em suspenso... a próxima vez entenderei mais... A beleza da sonoridade está apesar dos mal-entendidos. O francês, idioma familiar para mim, se converte em incompreensível quando já conversação rápida. Uiiiiii! Me escapam muitas coisas, matizes, palavras... A disposição para a tradução foi constante.

Trabalhar com colegas de outros lugares que não conhecia. Isto já, por si mesmo, é um novo laço e um começo de transferência de trabalho.

A sonoridade e o afeto permaneceram durante estes dois anos de trabalho sério, constante, rigoroso. O afeto e a tristeza do falecimento de um colega quase amigo, Ricardo, teu sorriso permanecerá.

Em algumas ocasiões, a pressa me contrariou um pouco, mas, bom, há coisas que requerem ligeireza e determinação.

Os passes, cuja escuta é tão esperada, são um trabalho árduo. Árduo em sua compreensão do idioma quando não se conhece, que se dissolve pela solidariedade dos colegas do cartel. Trabalhoso pelo epistêmico, ficando questões por resolver, que vamos debatendo, argumentando na medida do possível.

As posições de cada passador/a e a possibilidade de transmissão. Transmissão possível, ainda que não tenha desejo do analista nem ato analítico no final! Cada qual com seus afetos que lhe produziu a escuta dos respectivos passantes. Afetos que, em ocasiões, dificulta a transmissão por estar “muito afetado”. A afetação converte em praticamente impossível distanciar-se e transmitir já que o subjetivo prevalece.

E o trabalho continua...

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

ooo

Armando Cote (Fr): Viver para contar

A experiência do passe, é preciso tê-la vivido para contar, em todos os níveis: passante, passador, cartel. A partir de minha experiência nos cartéis do passe, posso evocar os risos, decepções e emoções, mas também encontros. Os cartéis do passe têm sido encontros alegres, com outras línguas, outros estilos e outros sotaques. Os cartéis do passe são viagens, não muitas, mas intensas e concentradas. Uma viagem que dá o tom do encontro, muitas horas de viagem para apenas alguns minutos de escuta. Assim, a experiência do cartel é única, após o depoimento dos passadores, momento de discussão em que cada um dá testemunho do que percebeu, ouviu ou captou. Uma experiência coletiva sem precedentes. É uma experiência que escapa a qualquer regime de interpretação e cura. Mas, ao mesmo tempo, o passe é uma aventura lógica, cheia de paradoxos. O interesse da psicanálise é desvendar esses problemas de lógica. O que mais me surpreendeu foi a condensação temporal que produz ao longo do tempo, o passe é uma experiência com o tempo. Longos períodos de análise, às vezes décadas, são condensados em poucos minutos densos e intensos.

Mas, qual dizer na experiência do CIG? É uma experiência de escola, a escola está no centro, a escola e a sua dimensão internacional, nenhuma língua predomina, Lalíngua tem um lugar privilegiado, os tons, os sotaques, a

forma de pronunciar, de traduzir, soa e ressoa em todos. Uma experiência de escola, uma experiência concreta, onde uma certa urgência em responder a uma solicitação de passe se alia com o desejo de escola.

Mas o ponto mais novo para mim foi a tomada de decisão de uma nomeação AE ou não. A dimensão inédita do discurso analítico, o seu lugar à parte de todo outro discurso, era evidente naquele momento. Cálculos incalculáveis, lógicas ilógicas, enfim, depois de várias idas e vindas, uma conclusão coletiva se impõe. Longe de pânicos e intrigas, trabalho determinou estar sempre, em minha experiência, respeitoso com cada percurso de vida, cada percurso de análise e os efeitos do ato analítico. Incrível comprovar a variedade e diversidade. A aventura analítica é uma experiência de vida, o escritor García Márquez disse que “A vida não é o que você viveu, mas o que você recorda e como você recorda”. Faltam os depoimentos de colegas que tiveram que abandonar a aventura ao longo do caminho, por motivos pessoais, mas também porque o ceifador de vidas nos impediu de terminá-la juntos. Infelizmente, nosso colega e amigo Ricardo Rojas não está mais aqui para contar a história.

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

ooo

Anne Marie Combres (Fr): Do plural das línguas ao coral?

Quais rastros me deixará esta participação no CIG da nossa Escola?

É a segunda vez que vivo essa experiência e ainda tenho o que aprender com esse tempo compartilhado com colegas de outros lugares, de outros países, e que falam outras línguas...

A tristeza causada pela morte do nosso colega e amigo Ricardo Rojas nos tocou profundamente, cujas rigorosas intervenções contribuíram para o nosso trabalho.

A dimensão internacional foi emocionante e instrutiva. Responsável pelas traduções dos textos para o francês, enfrentei um trabalho fascinante, muito ajudado por aqueles que aceitaram dar a sua contribuição! Estimulou a dificuldade na hora de passar de uma língua para outra, principalmente num momento em que faltava alguém para traduzir do português... mas também permitiu-me familiarizar-me um pouco com esta bela língua.

Nas discussões em torno dos testemunhos do passe, esta pluralidade de línguas lembrava por vezes um estranho coro, cada um usando a sua voz para integrar palavras de outros lugares nas suas palavras, no esforço de se explicar e de ouvir os outros.

O que vou recordar deste CIG é um incentivo para que todos se dediquem ao máximo nesta experiência, sublinhando o quanto as nossas duas secretárias se dedicaram a ela!

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

ooo

Pedro Pablo Arévalo (Esp): A Escola do passe, do CIG.

A nossa é uma Escola do passe. Isso tem consequências. Em primeiro lugar, na condução da cura por aqueles de nós que se identificam com ela, entra em jogo uma ética que visa à passagem de analisando a analista, ao fim da análise e à diferença absoluta. Em segundo lugar, os diferentes momentos do dispositivo geram e transmitem uma grande energia na instituição, mobilizam a Escola. As entrevistas entre o passante e os passadores, as reuniões entre os passadores e o cartel do passe, a deliberação e a decisão do cartel, os três anos de transmissão para os nomeados. Quanto aos não nomeados, a maioria deles supera a expectativa não cumprida e consegue fortalecer seu desejo de psicanálise. Cada passe envolve um ato. Para cada um dos envolvidos há um antes e um depois.

No CIG eu tive a incrível experiência de ouvir oito passes. Emocionante corroborar como o fato de ser uma Escola do passe se evidencia no encontro com os passadores: o desenvolvimento da cura, a hystorização da análise, os efeitos de final, a passagem de analisando a analista. Depois, as deliberações em cada cartel do passe. Nomeação ou não nomeação, ambas foram fruto de debates aprofundados, ponto a ponto. Terminei muito exausto, mas com um profundo sentimento de missão cumprida.

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

Anastasia Tzavidopoulou (Fr): “Passe fictício para formação inacabada!”

Encontramos esta expressão em “Televisão”, p. 509 nos Outros Escritos, cito: “Felizes os casos de passe fictícios para formação inacabada: eles trazem esperança.” Falamos muito de passes para os quais houve nomeação: no cartel de passes, nas reuniões do CIG e conseqüentemente na Escola. Mas há também aqueles que permanecem nas sombras, para quem a fumaça da passagem do analisando ao analista não consegue se dissipar. Algo não está chegando aos ouvidos do cartel. Seriam passes fictícios, passes perdidos? Talvez para o passante, pelo menos inicialmente. Porque engajar-se no dispositivo do passe requer energia: encontrar o CAG, deslocar-se, e por vezes bem longe, para transmitir o testemunho aos passadores. E, sem dúvida, implica o desejo de conseguir uma nomeação. Mas em última análise não se trata de passes perdidos nem para o cartel, nem para a CIG e, por conseqüência, nem para a Escola. É um trabalho que se faz nas sombras, mas que se ilumina nas elaborações que se seguem. É um trabalho que deixa esperança na medida em que a formação nunca está concluída.

Tradução Glancia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

Rebeca García (Esp): Entre inspiração e experiência

Quem sabe, talvez “foi o vento de lá, foi de lá que chegou...”(*) que me animou a ousar participar de uma experiência totalmente nova: trabalhar com 16 colegas até então pessoalmente desconhecidos, em diferentes línguas, confrontados com a responsabilidade de participar do dispositivo do passe e também de “fazer Escola”. Claro, eu poderia supor que tínhamos muitas coisas em comum que seriam uma “fonte de inspiração”: o percurso da nossa própria análise, o estudo dos nossos textos fundadores, a obra de Freud e Lacan e os textos anteriores de cada um em seu compromisso com a psicanálise.

Tudo isso era do campo do “imaginável”, mas como escreveu Lacan em 1981: “a experiência tem seu preço, porque não é imaginada de antemão”.

Podemos conhecer os mapas de navegação, mas nada antecipa como será a travessia.

Cada um passa uma pergunta, cada passe um chamado à elaboração, cada passe uma riqueza.

Agradeço a todos os meus colegas por terem tornado possível esta abertura à experiência como tal, *work in progress* em torno do não sabido, do não antecipável, que permitiu instilar o estilo de cada um, tão diferentes!

A presença e atitude do nosso querido Ricardo foram mais que um exemplo.

O trabalho determinado e incansável das nossas duas secretárias marcaram um ritmo ao qual, como no jazz, cada um soube contribuir com a sua melodia.

O coração da Escola continua a bater, por vezes com aparente quietude, outras vezes à beira do sobressalto, mas numa transferência de trabalho viva: valeu a pena a viagem e o “preço”, continua...

Ci vediamo a Venezia, cari amici! (Nos vemos em Veneza, caros amigos!)

Tradução Glancia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

(*) Linda canção brasileira

Alejandro Rostagnotto (Arg): Designar, Nomear

A Escola, em sua iniciativa, outorga o título de AME aos analistas que demonstraram sua competência como praticantes da psicanálise, sem especificar detalhes sobre seu conhecimento referencial. A instituição ratifica, assim, a confiança depositada no praticante, que apresentou provas suficientes para que a Escola o avalize, mantendo

viva a psicanálise do campo lacaniano. A nomeação de um AE (Analista da Escola) implica um procedimento e uma lógica diferentes. Proponho diferenciar dois aspectos da prática da nomeação.

Nominare aliquem: O CIG nomeia AE para aqueles que, comprometidos com o dispositivo do passe, tenham demonstrado avanços significativos na sua análise e sejam capazes de contribuir para o desenvolvimento da psicanálise. A contribuição do nomeado baseia-se na sua singularidade e na forma única como resolveu a sua análise, incluindo a transferência, os sintomas mórbidos, o sintoma fundamental e o fim de análise. É nomeado alguém cujo empuxo a dizer é audível e vibrante, com ressonâncias que têm impacto sobre os passantes e o cartel do passe. No entanto, um outro empuxo é necessário para fundamentar o desejo do analista.

Nominare aliquid: nesta perspectiva, a nomeação recai sobre *o que* é nomeado, isso que fundamenta o *Wunsch*, um ponto de apoio necessário que mostra que há um analista. Pode haver análise sem analista. O discurso analítico permite um laço social onde a função do semblante é decisiva na separação do objeto que palpita na experiência analítica. Ocupar o lugar do objeto exige o abandono das fixações do fantasma para não realizar uma nova perversão. Abster-se do mais de gozar nas suas diferentes versões. A autorização e a identidade de si assentam no real da pulsão, da pulsão libertada para o uso e satisfação da práxis do desejo do analista.

Tradução Gláucia Nagem de Souza - Revisão Viviana S Venosa

ooo

Anna Laura Prates (Brasil): Estrangeira

Participei, pela segunda vez, do Colegiado Internacional da Garantia e sigo causada pela experiência de uma Escola e seus efeitos. A causa me faz interrogar o significante internacional, e o faço a partir de minha língua exótica: o português. A língua de Camões, Fernando Pessoa, Saramago, Mia Couto, Valter Hugo Mãe, Chico Buarque, Machado de Assis e Clarice Lispector – minha língua – permite expressar a diferença entre ser e estar. Eu, por exemplo, sou membro de Escola, mas estou membro do CIG. Estar é estado transitório, e me ajuda a pensar a Escola como algo que nunca está pronto, acabado ou garantido, mas sim como uma ocorrência, um acontecimento. Fazemos Escola a cada vez. Neste caso, fazemos uma Escola internacional. É fundamental, entretanto, que nossa internacional inclua a função do estrangeiro. Não uma aliança sem fronteiras, mas a inscrição de um litoral: “Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral” (Lacan).

Nós, brasileiros, temos uma paradoxal relação com os portugueses “errantes navegantes”. Sabemos que “navegar é preciso” e atravessamos o Atlântico com disposição. Nos lembra Mia Couto, em experiência africana: “E era como se naquele imenso mar se desenrolasse os fios da história, romances antigos onde nossos sangue se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras. Somos da igual raça, Kimdzu: somos índicos”. No entanto, há fronteiras, nomeadas por Milton Santos como “esquizofrenia do espaço”.

Nossa Internacional não pode ser a mesma da “Aldeia Global”, tampouco da ONU, atestando diariamente seu fracasso em evitar o pior. Por mais que tenhamos na IF um índice “big Mc”, ele não serve para a escuta de um passe. Nosso tratamento ao estrangeiro que nos habita não é nem a eliminação da concentração, nem a exclusão da segregação, nem a escravização do racismo, nem a domesticação do colonialismo, nem a exploração das multinacionais. Não é, tampouco, a burocratização das agências científicas e universitárias. O passe exige um tratamento inédito do estrangeiro. Há, portanto, dois espaços bastante distintos: aquele da escuta dos passes, no qual, por mais que nos esforcemos para traduzir (e assim o fazemos), precisamos estar abertos para que o idioma singular do passante possa ser escutado a partir da caixa de ressonância dos passadores. No passe, somos refugiados do Outro, índicos. Quando, entretanto, voltamos a nossas cidades para transmitir a boa nova, a “esquizofrenia dos espaços” precisa ganhar tratamento, mais além da “discórdia das línguas”. Em ambos os casos, entretanto, é preciso incluir o estrangeiro.

Eu poderia citar Camus, mas cito Caetano Veloso: “E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento, sigo mais sozinho caminhando contar o vento”. Só, mas com alguns outros.

ooo

- **O COLÉGIO INTERNACIONAL DA GARANTIA**

O Passe :

O Colégio Internacional da Garantia recebeu 27 demandas de passe (10 da CAG França, 14 da CLGAL, 3 d DEL Espanha). Até hoje 23 passes foram escutados por 11 cartéis compostos a cada vez por de 2 membros da América do Sul, 2 membros do dispositivo francês e um membro do dispositivo espanhol.

4 passes serão escutados pelo próximo CIG

Até hoje os cartéis do passe do CIG 2023-2024 nominaram 3 AE:

Maria Constanza Lobos (EPFCL -Argentina)

Pastora Rivera Silva (EPFCL - Espanha F8)

Ana Maseo (EPFCL - Espanha F8)

O plurilinguismo da IF-EPFCL:

Desde a sua fundação, a EPFCL fez a escolha de assegurar uma extensão internacional das funções e funcionamento da Escola de Psicanálise.

Se os Fóruns, dispersados nos cinco continentes falam múltiplas línguas (romeno, polonês, grego, árabe, turco, hebreu entre outros), nós escolhemos 5 línguas para favorecer e sustentar as trocas necessárias para esta extensão internacional: o inglês, o espanhol, o francês, o italiano e o português. A equipe de responsáveis pela tradução é composta de membros do CIG e do CAO: **Rebeca Garcia Sanz** para o espanhol, **Anne Marie Combres** para o francês, **Glaucia Nagem de Souza**, para o português, **Pedro Pablo Arévalo** e **Suzan Schwartz** para o inglês, **Diego Mautino**, para o italiano.

Obrigada a todos os tradutores:

Graças ao trabalho constante deles a EPFCL sustenta sua experiência internacional e plurilingue.

Alejandro Rostagnotto, Ana Alonso, Anne Marie Combres, Beatriz Chnaiderman, Beatriz Oliveira, Carney Lee, Chantal Degril, Claudia Rios, Daniela Avalos, Daniela Batista, Daniele Salfatis, Daphné Tamarin, Deborah McIntyre, Devra Simiu, Diana Correa, Didier Castanet, Diego Mautino, Dyhalma N. Ávila López, Elisa Querejeta, Elisa Querejeta Casares, Elynes Barros, Esther Faye, Gabriela Costardi, Glaucia Nagem de Souza, Guilherme Mola, Julie Stephens, Leonardo Lopes, Leonardo Pimentel, Luciana Guarreschi, Lucília Maria Abrahão e Sousa, Maria Claudia Formigoni, Maria Laura Cury, Mikel Plazaola, Míriam Pinho Fuse, Nathaly Ponce, Pedro Pablo Arévalo, Pepa Cabrillas, Rafael Atuati, Rebeca Garcia, Rosa Escapa, Sebastián Báquiro Guerrero, Sheila Skitnevsky Finger, Sophie Rolland Manas, Susan Schwartz, Tatiana Assadi, Viviana S Venosa

- **WUNSCH 25**

Boletim internacional da Escola da Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

Wunsch 25 será publicada em Abril de 2025, encontrarão nela as intervenções do VIIIº encontro da EPFCL de 1º Maio de 2024, assim como as elaborações dos 16 membros do CIG 2023-2024 a propósito de sua experiência no dispositivo do passe.

Publicaremos também um texto de Ricardo Rojas, nosso colega que repentinamente faleceu setembro passado e que era responsável pela Wunsch em nosso CIG.

A equipe de edição de Wunsch é constituída por Carolina Zaffora, Dominique Fingermann e Pedro Pablo Arévalo. Para a Wunsch 25, Glaucia Nagem será a coordenadora geral das traduções.

Constatamos que Wunsch é consultada e citada regularmente nos trabalhos de cartéis, seminários de Escola, nos textos de uns e de outros, o que nos anima mais ainda a cuidar de sua edição.

• CAOÉ: COLÉGIO DE ANIMAÇÃO E ORIENTAÇÃO

O colégio é composto por Carolina Zaffore, Dominique Fingermann, secretárias do CIG assim como por Ana Laura Prates, Didier Castanet e nossos colaboradores Rebeca García, Daphné Tamarin, Diego Mautino

Os cartéis do CAOÉ:

Temos atualmente 21 cartéis intercontinentais e bilíngues trabalhando! Desde o começo da iniciativa lançada pelo CAOÉ 2021-2022 41 cartéis se colocaram a trabalhar mais de 200 membros de Escola dispersados nos 5 continentes, sobre temas diversos reenviando todos à questão da especificidade do ato analítico: a intensão da psicanálise motor e vetor indispensável à sua extensão no mundo e no tempo.

O catálogo dos cartéis do CAOÉ está disponível no Site da IF-EPFCL:

https://www.champlacanian.net/public/docu/common/caoe202407_CatalogueCartelsActuel.pdf

Na rubrica « Encontre seu cartel » permite encontrar vários cartéis que se encontram além das fronteiras: Viva os cartéis da Escola! Não hesite de enviar sua iniciativa para : epfcl-caoe@gmail.com

A 4º meia-jornada: *O advir analista e o ato analítico*

14 de setembro de 2024

A Coordenação desta meia-jornada esteve sob a responsabilidade de Rebeca Garcia e Didier Castanet. Acolhemos as intervenções de Bernard Toboul: França, Cora Aguerre : Espanha, Esther Morere Diderot: França, Gabriela Costardi: USA, Maria Claudia Formigoni : Brasil, Matias Laje : Argentina.

Os textos estão publicados nas FOLHAS AVULSAS N°5: acessível no site da EPFCL

Para a FOLHAS AVULSAS N°6, o CAOÉ propôs um novo formato : todos os participantes da experiência dos Cartéis Intercontinentais e Bilíngues que desejarem podem enviar um texto curto sobre o que a experiência nos cartéis lhes permitiram elaborar nisso que concerne à intensão da psicanálise. Antes do dia 30 de dezembro de 2024! Essas contribuições serão publicadas na FOLHAS AVULSAS N°6 com o título “Intensão e invenção”.



MEMBROS DO COLÉGIO INTERNACIONAL DA GARANTIA 2023-2024

Alejandro Rostagnoto, AME, EPFCL- AL Argentina (Córdoba)
Armando Cote, AME, EPFCL-França (Paris)
Ana Laura Prates, AME, EPFCL- Brasil (São Paulo)
Anastasia Tzavidopoulou AE, EPFCL- França (Paris)
Anne-Marie Combres AME, EPFCL- França (Cahors)
Carolina Zaffore, AME EPFCL- AL Argentina Foro (Buenos Aires) Secretária pela América.
Dominique Touchon Fingermann, AME EPFCL- França (Nîmes) Secretária pela Europa
Didier Castanet, AME, EPFCL- França (Toulouse)
Gláucia Nagem de Souza, AME, EPFCL-Brasil (São Paulo)
Martine Menès, AME, EPFCL- França (Paris)
Mireille Scemama Erdos, AME, EPFCL- França, (Paris)
Pedro Pablo Arévalo, AME EPFCL Espanha (Foro Psicoanalítico de Barcelona)
Radu Turcanu, AME, EPFCL- França (Paris)
Rebeca García Sanz, AME, EPFCL Espanha (Foro Psicoanalítico Madrid)
Teresa Trías Sagnier, AME EPFCL- Espanha (FOE Foro Opción Escola, Barcelona)

Lamentamos a morte repentina de nosso colega e amigo Ricardo Rojas, AME EPFCL-AL Colômbia
Ele faleceu em 27 de dezembro de 2024

Tradução Gláucia Nagem de Souza
Revisão Viviana S Venosa